

JOSÉ INGENIEROS

O HOMEM MEDÍOCRE

Tradução:

Lycurgo de Castro Santos

2ª edição

**icone**
editora

© Copyright 2012.
Ícone Editora Ltda.

Produção

Ícone Editora
São Paulo – SP

Imagem da Capa

“Alegoria de La Justicia”, RAFAEL

Revisão

Rosa Maria Cury Cardoso

Capa

Richard Veiga

Diagramação

Nelson Mengue Surian

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra,
de qualquer forma ou meio eletrônico, mecânico,
inclusive através de processos xerográficos,
sem permissão expressa do editor
(Lei nº 9.610/98).

Todos os direitos reservados pela
ÍCONE EDITORA LTDA.
Rua Anhanguera, 56 – Barra Funda
CEP 01135-000 – São Paulo – SP
Tel./Fax.: (11) 3392-7771
www.iconeeditora.com.br
e-mail: iconevendas@iconeeditora.com.br

SUMÁRIO

Prefácio	7
Introdução	11
1. A emoção do ideal	11
2. Um idealismo fundado na experiência	12
3. Os temperamentos idealistas	23
4. O idealismo romântico	29
5. O idealismo estóico	32
6. Símbolo	40
Capítulo I – O Homem Mediocre	41
1. Aurea mediocritas?	41
2. Os homens sem personalidade	45
3. Em torno do homem mediocre	48
4. Conceito social da mediocridade	52
5. O espírito conservador	55
6. Perigos sociais da mediocridade	61
7. A vulgaridade	63
Capítulo II – A Mediocridade	
Intelectual	67
1. O homem rotineiro	67
2. Os estigmas da mediocridade intelectual	74
3. A maledicência	79
4. O sendero da glória	84
Capítulo III – Os Valores Morais	91
1. A moral de Tartufo	91
2. O homem honesto	103
3. Os trânsfugas da honestidade	107
4. Função social da virtude	112

5. A pequena virtude e o talento moral	116
6. O gênio moral – a santidade	122
Capítulo IV – Os Caracteres Mediócrs	127
1. Homens e sombras	127
2. A domesticação dos mediócrs	133
3. A vaidade	141
4. A dignidade	145
Capítulo V – A Inveja	151
1. A paixão dos mediócrs	151
2. Psicologia dos invejosos	156
3. Os roedores da glória	161
4. Uma cena dramática – seu castigo	165
Capítulo VI – A Velhice Niveladora	167
1. As câs	167
2. Etapas da decadência	169
3. A bancarrota dos engenhosos	172
4. Psicologia da velhice	174
5. A virtude da impotência	178
Capítulo VII – A Mediocracia	183
1. O clima da mediocracia	183
2. A pátria	188
3. A política das pias	190
4. Os arquétipos da mediocracia	197
5. A aristocracia do mérito	210
Capítulo VIII – Os Forjadores de Ideais	219
1. O clima do gênio	219
2. Sarmiento	224
3. Ameghino	233
4. A moral do gênio	243

PREFÁCIO

José Ingenieros nasceu em Palermo, Itália, em 24 de abril de 1877 e faleceu em Buenos Aires, Argentina, em 31 de outubro de 1925. Foi médico, teórico da ciência, sociólogo e psiquiatra. Publicou inúmeros trabalhos no campo da psiquiatria e da criminologia, além de haver fundado a *Revista de Filosofia*, um periódico bimestral, guia do pensamento argentino no início do século passado.

A presente obra é fruto das suas lições sobre a psicologia do caráter, professadas na cátedra da Faculdade de Filosofia (curso de 1910). Apareceu pela primeira vez impressa em Madrid (janeiro de 1913, dez mil exemplares).

José Ingenieros é o símbolo mesmo do homem genial. É possível vislumbrar neste volume seu conhecimento enciclopédico, sua afinidade com as vicissitudes da alma humana e seu incansável afã professoral. O positivismo em suas formulações, patente do começo ao fim da obra, não é um positivismo árido, como seria todo positivismo fundado em um realismo radical; ao contrário, Ingenieros mostra-se essencialmente idealista, desde que o idealismo seja experimentado, vivido.

Explica-se sua obstinada luta contra a mediocridade: passou a vida buscando iluminar as mentes servís, desatando-as das invisíveis amarras da vulgaridade. O texto todo, destinado aos jovens universitários, nos quais depositava uma esperança infinita de genialidade, é um alerta, a todos, para os perigos do rebaixamento moral, contido na classificação dos tempos modernos.

Providos dos gens de nossos antepassados, recebemos, durante a infância e a adolescência, uma miríade de normas sociais; deveriam elas, por princípio, aprimorar-nos para uma vida superior. Elas o fazem; mas, por caminhos escusos. Pois representam, de acordo com o simbolismo várias vezes empregado por Nietzsche, toda a carga depositada sobre a corcova do pobre camelo, que a carrega a cada dia em maior número, com maior pesar, indiferente aos olhos do seu dono.

Acontece-nos carregar a carga até o dia em que, por qualquer destas indefectíveis forças misteriosas, internas ou externas, nos vemos obrigados a tomar o caminho que não é de ninguém. Deixamos o hábito, a rotina, e seguimos esse caminho algo extasiados, envoltos no odor agradável de uma sonhada liberdade de ser. Ocorre que ainda somos camelos e temos sobre as costas um peso que nos fatiga e não nos permite o mergulho pleno nesta liberdade. Então, conforme Nietzsche, topamos pela frente com um tremendo dragão verde, soltando bolas de fogo pelas nervosas narinas, que nos sacode de nós mesmos num grande e largo susto; este é o momento crítico, pois não há volta: temos que enfrentar, na nossa condição de camelo, o feroz dragão que nos impede, sem qualquer escrúpulo, de prosseguirmos no nosso caminho.

Neste momento, temos duas opções. Ou nos rendemos ao dragão, que nada mais é do que a projeção daquela carga de deveres e obrigações que nos foi imposta desde criança, e então nos tornamos o homem medíocre de Ingenieros, ou sacrificamos em todos os versos aquelas normas, o exercício do camelo, símbolo fatídico de nossa vida rotineira, hipócrita e servil. Se somos cavaleiros o suficiente e dotados da coragem solar, transformamo-nos, ao alvorecer, num singular leão de olhos vermelhos, pronto para colocar o dragão sob suas poderosas garras.

O gênio de Ingenieros é da ordem dos leões.

Avançar enfrentando dragões é o destino dos idealistas iluminados. O idealista que coloca em ação, em cada singular mo-

mento, o seu Ideal, vive efetivamente o seu Destino, não obstante as circunstâncias externas que o mundo aparentemente lhe oferece: pois essas circunstâncias são exatamente a ignorância corporificada, conhecida pelos orientais há mais de dois mil anos. Ignorância é enxergar apenas as vicissitudes externas do mundo circunstancial: o grande equívoco do realismo.

Ocorre que o idealismo de Ingenieros não pode se submeter apenas a um processo racional científico, lógico e dialético: tem que transcender. Para isso, é preciso que o idealismo surja como fruto da máxima potência das funções da psique; é a vida vivida em seu máximo apogeu.

Jung definia essas funções da seguinte forma: a racional (pensamento propriamente dito), a emocional (*feeling*), a sensorial (visão, tato, audição, paladar e olfato) e a intuitiva. Pois bem, todos nós, além de termos uma função predominante, normalmente herdada, damos a ela a qualidade de extrovertida ou introvertida. O introvertido que tem como principal função o pensamento, difere em sua percepção de realidade – de mundo, de universo – daquele extrovertido que se vale da função sensorial para viver.

A vida máxima, a genialidade, o ser, não é alcançado com a utilização parcial de qualquer uma dessas funções, inclusive a sobrevalorizada função racional, como muitos o imaginam. Ao contrário, apenas a utilização de todas as funções é capaz de operar a nossa transformação de meros artiodáctilos servis em fabulosos leões dourados. Ela está, por assim dizê-lo, no centro da cruz – como Cristo –, ou no centro do peito – no fundo de nosso coração.

Não nascemos gênios. Não temos, quando da infância, o exercício efetivo da assim chamada função transcendental da psique; temos, e todos o têm, a função em potência. À medida que desenvolvemos as funções primárias acima mencionadas, e temos que desenvolver todas as que nos são dadas, para não nos tornarmos medíocres, fortalecemos a possibilidade do aparecimento da função transcendental. Isto se dá, como dizia Dante, no final da

primeira metade da vida, quando deparamos com a selva escura, o nosso dragão.

Essa possibilidade é universal. Não é apenas humana; as próprias moléculas, em determinado momento, deixam de seguir o padrão que lhes era regular, que fora visto com olhos precisos pelo cientista. Por quê? Qual seria o motivo pelo qual o padrão é desviado, é revolucionado, é transgredido?

Ingenieros nos dá essa resposta em letras graúdas: o destino do gênio é ser gênio.

Algo anterior e interior às coisas determina esse salto fora da cerca. Evidentemente que a hipocrisia, o servilismo e a rotina, impedem o salto. São vícios originados num profundo medo de viver: nada mais contrário ao exercício efetivo da função transcendente, que nos abre o ser do universo. Pois seria possível ao ser do universo ter medo do próprio ser do universo!

Justamente esse medo faz do medíocre uma figura patética aos olhos do sábio. Este sabe, todavia, que o patetismo que se lhe apresenta à vista não passa de uma ilusão: a ilusão do próprio pateta desconhecido do ser. E frente a ele o sábio demonstra não a raiva, a intolerância, a aversão, mas a compaixão. Pois sabe, naturalmente, que o medíocre de hoje é o gênio do amanhã, e se ao sábio cabe alguma tarefa sagrada neste aparente mar de ilusões, essa tarefa é aliviar a carga que imagina carregar o camelo; este ainda não sabe que é um verdadeiro leão.

Com isso em mente devemos ler Ingenieros, o qual, como um *bodhisattva** genuíno, estará presente neste mundo de ilusões, até que seja iluminado o último dos seus seres.

Lycurgo de Castro Santos, primavera de 2001.

* *Bodhisattva* – ser de luz. No budismo, Mahayana é um ser que atingiu a iluminação, mas continua espontaneamente na roda do tempo até que o último dos seres atinja o nirvana. (N.T.)

Introdução

A Moral dos Idealistas

1. A emoção do ideal

Quando colocamos a proa visionária na direção de uma estrela qualquer e nos voltamos às magnitudes inalcançáveis, no afã de perfeição e rebeldes à mediocridade, levamos dentro de nós, nesta viagem, a força misteriosa de um ideal. É um fogo sagrado, capaz de nos levar às grandes ações. É necessário, todavia, que o tenhamos sempre sob nossa custódia. Pois, se o deixarmos apagar, não se acende jamais. Se tal força morrer dentro de nós, ficaremos simplesmente inertes; não passamos, neste caso, da mais gelada bazófia humana. Na verdade, apenas vivemos por causa desta partícula de sonho que colocamos sobre o real. Ela é, com propriedade, a flor-de-lis de nosso brasão, o penacho de nosso temperamento. Inumeráveis signos a revelam: aperta-nos a garganta quando nos recordamos da cicuta imposta a Sócrates, da cruz erguida por Cristo e da fogueira acesa a Giordano Bruno; abstraímos-nos no infinito quando lemos um diálogo de Platão, um ensaio de Montaigne ou um discurso de Helvécio; quando nosso coração estremece pensando na desigual fortuna destas paixões, nas quais fomos, alternadamente, o Romeu de tal Julieta e o Werther de tal Carlota; quando nossos sentidos gelam de emoção ao declarmos uma estrofe de Musset, que surpreendentemente rima de acordo com nosso sentir; quando, finalmente, admiramos a mente preclara dos gênios, a sublime virtude dos santos, a magna façanha dos he-

róis, inclinamo-nos com igual veneração diante dos criadores da Verdade ou da Beleza.

Nem todos, é preciso que se diga, extasiam-se diante de um crepúsculo, sonham frente à aurora ou se arrepiam na eminência de uma tempestade. Nem tampouco gostam de passear com Dante, rir com Molière, tremer com Shakespeare ou assombrar com Wagner; nem mesmo emudecem diante de David, da Ceia ou do Partenón. É para poucos essa inquietude de perseguir avidamente alguma quimera, venerando filósofos, artistas e pensadores que fundiram em sínteses supremas suas visões do ser e da eternidade, voando para o além do real. Os seres desta estirpe, cuja imaginação é povoada de ideais e cujo sentimento polariza em direção a eles toda a personalidade, formam uma raça distinta dentro da humanidade: são idealistas.

Definindo nossa própria emoção, poderíamos dizer, com aqueles que se sentem poetas: o ideal é um gesto do espírito em direção a alguma perfeição.

2. Um idealismo fundado na experiência

Os filósofos do porvir, para se aproximarem das formas de expressão cada vez menos inexatas, deixaram aos poetas o privilégio da linguagem figurada; e os sistemas futuros, desprendendo-se de velhos resíduos místicos e dialéticos, irão colocando cada vez mais a Experiência como fundamento de toda hipótese legítima.

Não é arriscado pensar que na ética futura florescerá um *idealismo moral*, independente de dogmas religiosos e de apriorismos metafísicos: os ideais de perfeição, fundados na experiência social e evolutivos como ela mesma, constituirão a íntima consistência de uma doutrina da perfectibilidade indefinida, propícia a todas as possibilidades de enaltecimento humano.

Um ideal não é uma fórmula morta, senão uma hipótese perfectível; para que sirva, deve ser concebida assim, ou seja, atuante em função da vida social da qual incessantemente advém. A imaginação, é certo, partindo da experiência, antecipa juízos sobre futuros aperfeiçoamentos: os ideais, entre todas as crenças, representam o resultado mais alto da função de pensar.¹

A evolução humana é um contínuo esforço do indivíduo para adaptar-se à natureza, que, à sua maneira, também evolui. Para que esse esforço se verifique plenamente, necessita ele conhecer a realidade ambiente e prever o sentido das próprias adaptações: os caminhos de sua própria perfeição. Suas etapas se refletem na mente humana como ideais. Um indivíduo, um grupo, uma raça são idealistas, porque circunstâncias propícias determinam sua imaginação a conceber aperfeiçoamentos possíveis.

Os ideais são formações naturais. Aparecem quando a função de pensar alcança um desenvolvimento tal que a imaginação, em maior grau, pode se antecipar à experiência propriamente dita. Não são entidades misteriosamente infundidas nos homens, nem tampouco nascem ao azar. Formam-se como todos os fenômenos acessíveis, por exemplo, à nossa observação. São efeitos de causas, acidentes, por assim dizer, na evolução universal investigada pelas ciências e resumida pelas filosofias. É muito fácil, pois, explicá-la, quando se compreende. Nosso sistema solar, por exemplo, é

¹ O ideal, neste caso, tem a mesmíssima função do mito. Joseph Campbell distingue quatro funções para ele: a mística, que leva o indivíduo à percepção do transcendente; a cosmológica, que revela ao indivíduo e à sociedade o cosmos onde vivem; a sociológica, que insere o indivíduo dentro de um determinado contexto social; finalmente, a função biológica, insubstituível mecanismo que permite ao indivíduo superar as diversas fases de sua vida, adaptando-se à seguinte (infância, adolescência, maturidade e velhice). Aqui podemos falar, por exemplo, do ideal do herói, do santo, e do sábio e dos mitos a eles inerentes (Buda, Cristo, Sócrates, São Francisco, Galaahad, Merlim, Robinson Crusoe, etc.) como sendo uma coisa só. (N.T.)

um ponto no cosmos; neste ponto, é um simples detalhe o planeta no qual habitamos; neste detalhe, a vida é um transitório equilíbrio químico da superfície; entre as complicações deste equilíbrio vivente, a espécie humana data de um período brevíssimo; no homem, desenvolve-se a função de pensar como um aperfeiçoamento da adaptação ao meio; um dos seus modos é a imaginação, que permite generalizar os dados da experiência, antecipando seus resultados possíveis e abstraindo dela ideais de perfeição.

Assim, a filosofia do porvir, em vez de negá-los, permitirá afirmar a sua realidade como aspectos legítimos da função de pensar, reintegrando-os na concepção natural do universo. Um ideal é um ponto e um momento entre os infinitos possíveis que povoam o espaço e o tempo.

Evoluir é variar. Na evolução humana o pensamento varia incessantemente. Toda variação é adquirida por temperamentos predispostos; as variações úteis tendem a conservar-se. A experiência determina a formação natural de conceitos genéricos, cada vez mais sintéticos; a imaginação abstrai destes conceitos certos caracteres comuns, elaborando ideais gerais que podem ser hipóteses acerca do incessante vir-a-ser: assim se formam os ideais que para o homem são normativos da conduta, em consonância com suas hipóteses. Os ideais não são apriorísticos, mas induzidos de uma vasta experiência;² sobre ela se empina a imaginação para

² A questão é extremamente controvertida. Não seríamos nós apenas uma ponta de um grande mistério, como a ponta de um *iceberg*, que oculta sob as ondas a imensidão do seu ser? Para Carl Jung, os arquétipos – típicos modos de apreensão – existem *a priori*. Compõem nosso inconsciente coletivo desde tempos imemorais e são anteriores a qualquer experiência, a exemplo das idéias universais de Platão. (N.T.)